ISSN 2594-9063

https://doi.org/10.30681/traos.v10i1.12707

# Conjuntos multimodais em relatos de mulheres vítimas de violência doméstica

*Multimodal sets in accounts by women victims of domestic violence*

Arlete Ribeiro Nepomuceno[1]
*Universidade Estadual de Montes Claros*

Maria Clara Gonçalves Ramos[2]
*Universidade Federal de Santa Maria*

Vera Lúcia Viana de Paes[3]
*Universidade Estadual de Montes Claros*

Sarah Cristina Santos Martins[4]
*Sociedade Educacional Otto*

**Como citar este trabalho:**
NEPOMUCENO, A. R.; RAMOS, M. C. G.; PAES, V. L. V de; MARTINS, S. C. S. Conjuntos multimodais em relatos de mulheres vítimas de violência doméstica. **Traços de Linguagem**, v. 10, n. 1, p. 197-209, 2026.

**RESUMO**: Objetivamos investigar como a articulação de multimodos impactou na construção discursiva de relatos com fotos de mulheres agredidas em uma reportagem. Por uma pesquisa qualitativo-interpretativista, utilizamos dois relatos publicados na Revista Veja (2020), com análise híbrida subsidiada pelas metafunções ideacional (Gramática Sistêmico-Funcional), representacional e interativa (Gramática do *Design* Visual), interpretando as brutalidades por que as falantes/entrevistadas passaram. Constatamos que o articulista recorreu a artefatos verbo-visuais para transmitir um panorama da manutenção da violência contra a mulher por questões de gênero, sob o ponto de vista das vítimas.
**PALAVRAS-CHAVE**: Violência doméstica. Relatos em reportagem. Verbo-visualidade.

**ABSTRACT**: We aimed to investigate how the articulation of multimodes impacted the discursive construction of reports with photos of assaulted women in a report. Through qualitative-interpretivist research, we used two reports published in Veja Magazine (2020), with hybrid analysis subsidized by ideational metafunctions (Systemic-Functional Grammar), representational and interactive (Visual Design Grammar), interpreting the brutalities caused by speakers/ interviewed passed. We found that the writer used verbal-visual artifacts to convey an overview of the maintenance of violence against women due to gender issues, from the victims' point of view.
**KEYWORDS**: Domestic violence. Reports in reporting. Verb-visuality.

[1] Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. arletenepo@gmail.com
[2] Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista CNPq. mariaclararamos43@gmail.com
[3] Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista Fapemig. verapaes2@gmail.com
[4] Graduada em Letras Português pela Universidade Estadual de Montes Claros. sarahsantos066@gmailcom

## 1. Introdução

O avanço dos meios midiáticos permite a utilização de multimodos semióticos na propagação de informações. Paralelamente, textos jornalísticos, em reportagens, destacam-se como fonte de informação considerada confiável pela sociedade, articulando discursos, fatos, relatos e imagens, cuja interpretação demanda conhecimento de recursos semióticos.

À vista disso, objetivamos apresentar como os multimodos são organizados e articulados em relatos de mulheres agredidas em uma reportagem da Revista Veja, analisando: a atuação da mídia na construção e manutenção de versões da realidade dessas mulheres; a materialização de experiências por que elas passam no sistema de transitividade (metafunção ideacional); a realidade estruturada por conceitos (metafunção representacional); as relações entre participantes (olhar, enquadramento e ponto de vista) (metafunção interativa).

Para atingir esses objetivos, o referencial teórico adotado, com a orientação *hallidayiana* de linguagem como Semiótica Social, é o proposto e desenvolvido por Halliday e Matthiessen (2014) e Kress e Van Leeuwen (2006), aplicando uma análise sociossemiótica das imagens, para compreender como a concepção de sintaxes visuais pode se ligar à formação da criticidade e à transformação social, desnudando e questionando problemas sociais.

Justifica-se este estudo por buscar apresentar diferentes semioses, evidenciando como elas podem representar o mundo real, como imagens são usadas pela mídia jornalística para legitimar argumentos e relatos e identificar formações ideológicas construídas por ela. A análise do texto jornalístico justifica-se pela capacidade de a reportagem poder influenciar, em maior ou menor grau, a interpretação de fatos e o comportamento das pessoas, na discussão de conceitos criados e legitimados na e pela sociedade, podendo (re)formulá-los.

A metodologia qualitativo-interpretativista sustenta-se pelos postulados da Gramática Sistêmico-Funcional e da do *Design* Visual, procurando ressaltar a interação entre sistemas semióticos. À luz disso, selecionamos categorias analíticas para analisar relatos e fotos de mulheres vítimas de violência: *contextos* (de situação e de cultura) e *metafunção ideacional* (processos, participantes e circunstâncias); *metafunção representacional* (conceitos: processos analíticos e simbólicos) e *interativa* (participantes, olhar, enquadramento e ponto de vista).

Este artigo apresenta três seções, além da introdução. Na primeira, especificamos a teoria de Halliday e Mathiessen e de Kress e van Leeuwen, sintetizamos os contextos em que as imagens foram publicadas e as metafunções para a análise dos significados. Na segunda, apresentamos o *corpus* e a metodologia. Na seção seguinte, a análise com as considerações.

## 2. Situando a Gramática Sistêmico-Funcional e os contextos

Seguindo Halliday e Matthiessen (2014), para Fuzer e Cabral (2014), a gramática *hallidayiana* é *sistêmica*, por compreender a língua como sistema de significados, ligado a escolhas motivadas, e *funcional* por estudá-la a partir de contextos de uso, analisando as funções da linguagem, abordando o papel "[...] que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos, servindo a tipos universais de demanda, que são muitos e variados" (NEVES, 1994, p. 125).

Para essa gramática, são essenciais: o *sistema*, com opções linguísticas intencionais, em que o uso da linguagem é um processo semiótico, acessado na construção

de significados contextuais contexto; e a *função*, concernente à relação entre língua e interação (o propósito de determinado significado). Nela, há recursos para descrever, interpretar e fazer significados.

Isso posto, o texto é visto como campo de materialização de significados interacionais, destacando-se os níveis (extra)linguístico nas escolhas. O nível *linguístico* (*sistema de conteúdo*), composto pela semântica, realiza-se na léxico-gramática (recursos da cultura para construir significados), com que trabalhamos, e o *de expressão* que se realiza na fala, nos gestos, na escrita etc. O *extralinguístico* volta-se ao *contexto de cultura* e *de situação*, explorados aqui.

Num plano mais amplo, os significados resultantes das escolhas das pessoas estão vinculados ao contexto de cultura; num plano mais específico, ao contexto de situação. O *contexto de cultura* é extenso, englobando, em uma cultura particular, a soma dos significados possíveis de fazer sentido, evidenciando valores, comportamentos, crenças e ideologias. Diante da amplitude e complexidade desse contexto, Halliday e Matthiessen (2014) apontam a necessidade de aludir a contextos de cultura mais restritos e específicos, os de situação.

O *contexto de situação* é o microcontexto que estabelece o espaço no qual as situações de uso da linguagem se realizam. Para Halliday (1989, p. 46, *apud* Fuzer e Cabral, 2014, p. 27), podemos utilizá-lo "[...] para explicar por que certas coisas têm sido ditas ou escritas em uma situação particular e o que poderia ter sido dito ou escrito, mas não foi". Pela flexibilidade desse contexto, três variáveis interferem diretamente sobre ele: *Campo, Relações* e *Modo*.

O *Campo* refere-se à ação dos participantes no mundo, ao que ocorre, em qual atividade estão engajados; as *Relações* referem-se a quem está participando da interação, às(aos) relações de poder e de solidariedade estabelecidas, papéis (sociais e institucionalizados) com valores construídos, institucionalizados e desempenhados pelos participantes; e o *Modo* relaciona-se ao(à) papel exercido pela linguagem na situação, forma como ela se estrutura e meio como ela é utilizada pelo falante, estando essas variáveis ligadas ao modelo tridimensional *hallidayiano*: *Campo* (metafunção ideacional), *Relações* (interpessoal) e *Modo* (textual). Neste artigo, tratamos, especificamente, da metafunção ideacional, no sistema de transitividade.

## 2.1 Metafunção Ideacional: a representação de experiências no mundo

Segundo Neves (1994), por meio de orações como unidade gramatical plurifuncional, essa metafunção ideacional é utilizada para expressar e representar experiências humanas no mundo real e no da consciência (percepção, emoção, sentimento, imaginação), manifestando-se no *sistema de transitividade*. Halliday e Matthiessen (2014) afirmam diferenças entre o que experienciamos no mundo exterior e no de nossa consciência, em que a transitividade constitui um sistema que descreve a oração e identifica experiências representadas por *processos*, *participantes* e *circunstâncias*. Os *processos* voltam-se às experiências pelas quais passamos; os *participantes*, possibilitando a ocorrência do processo ou sendo afetados por ele, definem quem faz ou participa do evento, indicando aquele que age, sente, pensa, encontra-se em um estado etc; as *circunstâncias* determinam local, modo, tempo dos fatos relatados, por exemplo.

Segundo Halliday e Matthiessen (2014), no sistema de transitividade, há *processos* principais que representam experiências humanas, entre os quais destacamos os *materiais* e *relacionais*. Os processos *Materiais* expressam experiências externas humanas, representando ações e eventos ocorridas no mundo, cujos *participantes* são

*Ator* (quem pratica a ação) e *Meta* (a quem a ação se destina, recebendo o impacto da ação), assim como *Ator* e *Escopo-entidade* (participante não afetado pela performance do processo, construindo o cenário em que o processo se desenrola). Os processos *Relacionais* apresentam o modo com as pessoas se relacionam com o mundo, definindo, caracterizando e atribuindo *qualidade*, *posse* ou *circunstância*, classificados em *relacionais atributivos*, subdivididos, nessa ordem, em: *intensivos, possessivos e circunstanciais*. Tais processos imprimem uma relação de natureza estática, na qual os *participantes* são, respectivamente, *Portador* (participante caracterizado) e *Atributo* (característica); *Possuidor* e *Possuído*, com ideia de posse (ter, possuir, pertencer), e *Portador* e *Atributo Circunstância* (lugar, ângulo, extensão, modo, localização etc).

Ainda na cena oracional, no *sistema de transitividade*, valemo-nos das *circunstâncias*, expressões que apresentam as informações adicionais aos processos pelos quais as mulheres vítimas da violência passaram (de modo, de duração, de localização etc.).

## 3. Lendo imagens: multimodalidade e Gramática do Design Visual

O conceito de multimodalidade parte do entendimento de que a materialização da linguagem não ocorre por apenas um modo semiótico, mas também por outros artefatos (imagens, falas, cores, gestos faciais e corporais, olhares, distância social, enquadramento etc.). Para Kress e van Leeuwen (2001), a multimodalidade explora formas de significação modernas, incluindo modos semióticos envolvidos na representação e na comunicação.

Diante dos avanços tecnológicos da modernidade e do impacto dessa nova realidade sobre a comunicação, e considerando a multimodalidade, Kress e van Leeuwen (2006) afirmam que imagens possuem potencial significativo semelhante ao observado nas estruturas linguísticas verbais, para quem as imagens se organizam em composições visuais, objetivando transmitir uma mensagem pelo signo imagético, de maneira análoga à observada na organização dos sintagmas do signo linguístico verbal, com sintaxe própria.

Considerando essas semelhanças, Kress e Van Leeuwen (2006) propuseram a Gramática do *Design* Visual, com um rol de categorias que reforçam a descrição e a interpretação de composições visuais, de esquemas teóricos a imagens abstratas, pela qual buscam analisar signos visuais e o papel destes para construir significados, tendo como pano de fundo a Linguística Sistêmico-Funcional. Assim, expandiram o foco de análise *hallidayiano*, sobretudo da linguagem verbal, envolvendo significados representacionais, interativos e composicionais.

Tais significados operam simultaneamente nas imagens, construindo experiências, interações e posições ideológicas, numa perspectiva semiótica, a partir de escolhas de qual realidade será representada, de visões de mundo, do grau de proximidade entre os participantes, do modo como eles são construídos, das imagens e do leitor, dos gestos, das expressões faciais etc. O nosso foco são os significados semióticos *representacionais* (conceituais) e *interativos*, mediante papéis desenvolvidos no processo interpretativo dos relatos em reportagem.

### 3.1. Significados Representacionais: a representação de narrativas na ação social

Esses significados realizam-se por *processos narrativos* e *conceituais*. Os *processos narrativos*, como os quais não trabalhamos, caracterizam-se, principalmente, por vetores, equivalentes, visualmente, a verbos de ação observados nas orações,

responsáveis por estabelecer a ligação entre os participantes e a ação desenvolvida. Já os *conceituais* veiculam conceitos, significados, sem vetores, motivo por que não exprimem uma ação, tendo como principal característica a estaticidade dos participantes e preocupação com a representação da essência deles (o que são e significam). Eles se realizam por processos: *classificatórios* (não contemplados neste recorte), *analíticos* e *simbólicos*.

Quanto ao *processo conceitual analítico*, os participantes (*Portador* e *Atributos possessivos*) relacionam-se por uma estrutura imagética que une parte(s) constituída(s) (Atributo(s) possessivo (s)) e o todo (Portador), com (sub)divisões, sobre as quais não falamos, dado o escopo do recorte selecionado. Portanto, nas representações analíticas, enfatizam-se o *Portador* (participante representado) e os *Atributos* dele (partes, traços essenciais que o compõem), com participantes interagindo entre si pelos atributos que possuem, e não por ações.

No que se refere aos conceituais, são *processos simbólicos*, nos quais os significados são atribuídos a um participante ou ao que ele é, sendo *atributivos* ou *sugestivos*. O *simbólico atributivo* é constituído por dois participantes, dos quais um se destaca em relação ao outro na construção do significado da imagem, tendo o *Portador* como o participante detentor do significado e o *Atributo simbólico* como o significado difundido pelo Portador. O *Portador* é o participante que é o significado, e o *Atributo simbólico* é quem representa o significado.

### 3.2. Significados Interativos: a interação entre a imagem e o leitor (participante interativo)

Os significados interativos permitem uma análise da relação entre os elementos que compõem a imagem e os participantes dela, nos quais as fontes visuais estabelecem a natureza do relacionamento entre os participantes interativos e representados. Os *participantes Interativos* são reais, muito embora não estejam representados na imagem, podendo ser o articulista e o observador (leitor) do discurso difundido na imagem. Os *Representados* são humanos ou abstratos (assunto da comunicação) que poderão interagir com o leitor e outros participantes, por meio do *Olhar*, *Enquadramento* e *Ponto de vista (ângulo)*.

O *Olhar* é responsável por dimensionar a interação entre o leitor e o participante da imagem. Quando se busca estabelecer uma relação mais próxima do leitor, o produtor poderá recorrer ao *Olhar de demanda*, levando o representado a direcionar o olhar para o interativo, esperando alguma reação ou resposta, criando um vínculo mais íntimo, a fim de atender a um propósito específico. O uso desse recurso permite que se crie um vínculo emocional entre os participantes, formado por gestos e expressões faciais do participante representado, que poderá sorrir, exibir um semblante sério e circunspecto, ou até mesmo desdenhoso.

Sob outra perspectiva, além de promover maior interação entre os participantes, pode proporcionar um distanciamento, pelo *Olhar de oferta*, quando o objetivo é levar o participante interativo a contemplar o representado. Assim, sem um olhar vetorizado para o leitor, sem proximidade, e sim de forma distante, indireta e impessoal, altera-se o objetivo comunicativo, atribuindo ao participante interativo a contemplação do representado na cena discursiva.

Para Kress e van Leeuwen (2006), outro recurso utilizado para estabelecer a interação é a determinação da distância por *Enquadramento*, que poderá interferir, numa relação imaginária, na aproximação e na relação de afinidade existente entre eles. Ao optar por apresentar um(a) objeto/pessoa a uma distância em *close-up*, o articulista busca

*maior aproximação* entre o leitor e o participante representado, que estará na imagem apenas a partir de partes do corpo. Já na *distância média*, o enquadramento utilizado permite que o participante representado seja visto um pouco mais distante, presente na imagem da parte superior do corpo até os joelhos. Quando o objetivo é um *maior distanciamento*, recorre-se à *longa distância*, na qual o participante aparecerá na imagem de corpo inteiro, evidenciando o cenário que o cerca.

Quanto à escolha do *Ponto de vista*, uma imagem instanciada no *ângulo frontal* proporciona maior proximidade entre os participantes, revelando uma ideia de igualdade. No *ângulo vertical*, a depender da escolha do produtor, os participantes podem ser dispostos em ângulos alto ou baixo. Se o participante representado é disposto em ângulo alto, estabelece uma relação de poder em relação ao participante interativo. Já se o participante representado for posicionado em ângulo baixo, demonstra vulnerabilidade em relação ao participante interativo, de acordo com o discurso idealizado pelo produtor. Nas palavras de Kress e van Leeuwen (2006), a escolha de um *ângulo horizontal oblíquo* gera um distanciamento, sugerindo um comportamento que distancia participantes interativos dos representados, sendo a diferença entre ângulo oblíquo e frontal a diferença entre envolvimento e distanciamento.

Neste artigo, buscamos compreender os recursos sígnicos verbo-visuais na construção discursiva de relatos com fotos numa reportagem da Revista Veja, evidenciando a representação da mulher e dos ciclos de violência por que passou, com as categorias analíticas apresentadas.

## 4. Metodologia

Os dados foram coletados em relatos com fotos em uma reportagem, com a temática violência doméstica contra as mulheres, numa reportagem especial da edição on-line da Revista Veja (2020), de oito páginas, intitulada "Dez vítimas por dia", com a seleção de relatos com fotos de mulheres vítimas de violência. Na impossibilidade de apresentar a análise de todos os relatos, centramo-nos em dois, com as imagens do texto visual.

Justificam-se os relatos com fotos em uma reportagem da Veja por ela ser uma grande mídia de circulação nacional, podendo propiciar reflexão das pessoas sobre a gravidade dessa aberração social e mover a sociedade na direção de despertar a consciência pela deslegitimação de relações patriarcais de dominação, com um olhar atento sobre a dimensão do problema.

Se se levar em consideração que a linguagem é uma das bases da cultura de um povo, analisar um texto cujo discurso é estruturado a partir da conjugação de recursos semióticos verbo-visuais permitiu-nos compreender como alguns significados são criados e, posteriormente, difundidos na sociedade brasileira. Nessa medida, numa relação intrínseca entre os modos semióticos verbal e visual, as categorias analíticas estão estruturadas, por razões metodológicas, de cunho qualitativo-interpretativo, em dois grupos interdependentes.

O *primeiro* deles fundamentou-se na *teoria sociossemiótica dos recursos verbais*, em um método teórico-descritivo, em *contextos* de *cultura e de situação* de uso efetivo da língua, cuja léxico-gramática são signos motivados para cumprir a intencionalidade do articulista em relação às mulheres em situação de violência, que estabelecem o *campo*, o *modo* e as *relações do discurso*. Soma-se a essa abordagem uma interlocução com o gênero, apresentando uma retomada dos contextos dos relatos da reportagem e de efeitos de sentido produzidos pelos recursos verbais (*processos, participantes e circunstâncias*), na *metafunção ideacional*, que criam representações das mulheres que sofrem violência.

Na *dimensão semiótica verbal*, foi fundamental observar as palavras que constituíram as orações dos relatos das vítimas, pois a escolha de uma palavra, e não outra, assim como a organização delas no discurso, puderam revelar posições assumidas pelas mulheres, em relação às situações de violência pelas quais passaram e às pessoas com quem elas dialogaram. Partimos da consideração do *contexto de situação e de cultura*, em diálogo com as *variáveis sociossemióticas*, para explorar as redes semânticas que se formaram nesses contextos. No *contexto de cultura*, analisamos ideologias, crenças, comportamentos, perpetuados na sociedade brasileira, ainda que possam se modificar, sendo partilhados nos grupos sociais. Já no *contexto de situação*, resgatando as variáveis, analisamos o *campo*, as *relações* e o *modo*, imbricadas, respectivamente, no assunto dos relatos da reportagem, nas relações interpessoais estabelecidas por eles e no modo de escolha da linguagem semiótica.

O *segundo* grupo analisa os *recursos visuais* (*significados representacionais e interativos*) priorizando, o *processo conceitual simbólico* (siginificado representacional); e o *contato*, a *distância* e o *ponto de vista* (significados interativos). Completando a análise imagética, analisamos: nos *significados representacionais* (*processo conceitual simbólico atributivo*), como participantes representados se comunicam com o público-leitor, evidenciando como atributos de participantes representados podem atuar na mente deles, para consolidar conceitos, valores e crenças no imaginário social, com base nas intenções do articulista.

Feitas essas considerações, passemos às análises da construção da representação multissemiótica de mulheres em situação de violência nos dois relatos selecionados com fotos.

## 5. Análise dos Dados

**Figura 1** - Relato de Elaine Caparroz em situação de violência.



ESPANCADA E TORTURADA POR QUATRO HORAS

"O resgate de mim mesma tem sido um longo caminho. No dia 16 de fevereiro completa um ano o ataque sofrido dentro de minha residência. Fui espancada e torturada por quatro horas dentro de casa por um homem que conheci pelo Instagram. As sequelas foram enormes, no corpo e na mente. Além de perder muito sangue, tive inúmeras fraturas nos ossos da face. Não conseguia abrir o olho nem o maxilar. Levei mais de cinquenta pontos na parte interna da boca, que ficou em carne viva. A força dos socos foi tamanha que duas raízes de dentes chegaram a quebrar. Fiz cirurgias de restauro do rosto e da arcada dentária. Tive também de mudar de endereço. O cara não apenas bateu, mas também eliminou uma fase legal da minha vida: eu tinha acabado de voltar de um intercâmbio na Austrália, estava abrindo um negócio e treinando todo dia em academia. O trauma de ser vítima de uma tentativa de feminicídio nos faz ter medo do estranho, de sair na rua. Mas para tudo há uma lição: a que ficou para mim é a necessidade de estimular as mulheres a ter coragem de gritar por socorro."

***Elaine Caparroz,***
*56 anos, empresária*

**Fonte**: Revista Veja. Edição nº 2674 fev. 2020. Disponível https://veja.abril.com.br/brasil/as-vitimas-do-feminicidio-um-crime-que-cresce-a-ritmo-preocupante/Acesso: 23 mar. 2021.

No nível extralinguístico, no *Contexto de cultura*, discute-se a violência contra a mulher, revelando uma sociedade marcada pela violência como ferramenta de dominação de um gênero sobre o outro, na qual o homem figura como agressor, e a mulher, vítima. A estrutura sociocultural baseia-se no patriarcado, e o articulista da reportagem, ao entrevistar uma vítima de tentativa de feminicídio, busca discutir essa temática, dando voz a mulheres afetadas diretamente por esse tipo de crime, destacando que, apesar das mudanças no código penal, o número alarmante de mulheres agredidas e, em muitos casos, mortas cresce vertiginosamente.

O *Contexto de situação* evidencia que os relatos discutem o feminicídio, uma violência contra as mulheres (*Campo*), estruturando, pela articulação entre recursos verbais (relatos das vítimas) e visuais (fotos, *layout* etc.) (*Modo*), um discurso que visa repensar e reestruturar as relações de poder constituídas social e culturalmente entre homens e mulheres (*Relações*).

Partindo da *Metafunção ideacional*, observemos, como exemplo, uma oração do relato de Elaine Caparroz, com a presença de um *Processo Relacional Atributivo Intensivo*:

| O resgate de mim mesma | tem sido | um longo caminho. |
|---|---|---|
| Participante: Portador | Processo relacional atributivo intensivo | Participante: Atributo |

Ao optar pelo *Processo Relacional Atributivo Intensivo* (*tem sido*), Elaine define e caracteriza um processo interno pelo qual vem passando desde a violência sofrida, e que não foi finalizado. Ela é o *Participante Portador*, caracterizada pelo *Atributo*, ligado ao processo relacional, estabelecendo um sistema semântico cujo conteúdo permite ao leitor compreender a jornada de reconstrução da vítima, na vida pessoal e profissional, que não está ocorrendo de modo rápido e fácil, embora tenha decorrido um tempo considerável desde as agressões.

Consoante Halliday e Matthiessen (2014), como *Participante Portador*, Elaine "porta" sequelas no corpo e na mente e precisa resgatar-se ou resgatar o atributo que lhe devolva a vida. O complexo semântico formado pela transitividade desse enunciado retoma, no esquema cognitivo dela, a imagem mental que encena as ações de violência e o espancamento que sofreu por variados processos significativos, predominantemente *materiais*, a exemplo de perder sangue, ter fraturas, por parte do agressor, o que eliminou uma fase legal da vida dela.

Na ação perversa e cruel do agressor, submetendo a vítima aos maus tratos, no ambiente familiar, no qual deveria se sentir mais protegida, observam-se múltiplas *circunstâncias* das quais Elaine se vale: "no dia 16 de fevereiro", "dentro da minha residência", "por quatro horas", "no corpo e na mente", "nos ossos da face", "na carne viva", na parte interna da boca" etc.

Nos termos de Kress e van Leeuwen (2006), analisando essas imagens, identificamos, nos *Significados representacionais*, os *Processos conceituais* que constituem as fotos, revelando o complexo semântico do modo verbal ressemiotizado em modo visual. Em outras palavras, o modo verbal explica uma narrativa de cenas de violência, que não poderiam ser visualizadas, mas imaginadas pelo leitor, caso não houvesse a participação do modo visual no conjunto semiótico, que apresenta a profundidade da violência sofrida por Elaine, na imagem de um rosto irreconhecível e dilacerado pelas marcas da violência. O processo conceitual, escolhido para representar o tema discutido, é caracterizado pela denúncia da violência, de modo estático e atemporal, um registro que ecoa como conscientização sociocultural.

Analisando-se o *Processo analítico*, Elaine Caparroz "porta" traços físicos no rosto, que exercem o papel de *Atributos possessivos* nas três fotos. Na primeira imagem, foto registrada antes das agressões, ela apresenta uma feição leve, pouco marcada por linhas de expressão ou maquiagem, e uma expressão serena. Já na segunda, carrega hematomas das agressões sofridas em um espaço recente de tempo, um retrato da violência. Na terceira, as cicatrizes evidentes e as imperfeições deixadas pelo ataque são carregadas no rosto dela, com uma maquiagem mais marcada na região dos olhos, um símbolo do que ela enfrentou e sobreviveu. As marcas no rosto ajudam a construir o percurso de uma mulher que sofreu uma tentativa de feminicídio, sobreviveu e que, apesar das marcas, busca retomar a vida.

Os *Processos conceituais simbólicos atributivos* também se manifestam, com marcas físicas carregadas por ela, representando um significado importante. Os *Atributos simbólicos*, como as marcas de agressão e as cicatrizes deixadas pelo agressor, simbolizam a força e a garra de uma mulher que sobreviveu a uma situação de extrema violência, um retrato da resiliência das mulheres diante das dificuldades enfrentadas na sociedade atual. Além disso, as marcas servem como reflexão e conscientização de inúmeros leitores, influenciando nos discursos socialmente produzidos no sentido de mudança de comportamentos.

Quanto aos *Significados interativos*, identificamos Elaine como participante representada, e os leitores do texto jornalístico como participantes interativos. Na primeira e na terceira fotos, Elaine direciona o olhar ao participante interativo, recorrendo a um *Olhar de demanda* em ambas, mas isso não acontece na segunda imagem, devido aos hematomas que ela apresenta. Na primeira, possivelmente registrada para uma rede social, o olhar dela busca o do participante interativo de forma sedutora, com um semblante leve e atrativo. Já na terceira, a expressão facial está mais endurecida, mas procurando o olhar do público, para garantir uma identificação, um reconhecimento da parte dele com a história e a luta dela.

A *Distância social* processa-se pelo *Enquadramento* escolhido, no qual, na primeira imagem, recorre-se ao *Close-up*, buscando uma aproximação maior entre a participante representada e o leitor. A foto foi produzida em outro momento de vida, no qual a intenção dela era produzir engajamento, seduzir pela imagem. Na segunda, ocorre um *Extremo Close-up*, aproximando-a mais do observador para que ele se choque com a extensão dos ferimentos dela. Na terceira, a participante representada está em uma *Distância média*, evidenciando, pela postura corporal fechada e pelo olhar penetrante, na busca de uma identificação mais profunda, não com a aparência, mas sim com a história dela.

Concernente ao *Ponto de vista*, as imagens apresentam um viés *Subjetivo*, com interferências dos produtores, que buscaram evidenciar especificidades em cada uma delas. Essa atitude influencia a interpretação que o observador terá de cada uma delas, pois a visão do interativo será contaminada pelo recorte escolhido para apresentar o representado. Ao optar pelo *Ângulo frontal* na primeira e terceira fotos, o produtor iguala-se à representada, aproximando-se dela, o que, respectivamente, faz com que o interativo também desenvolva um grau de proximidade maior com a representada. Por outro lado, na segunda foto, o produtor utiliza o *Ângulo vertical*, em que a participante representada fica num ângulo baixo em relação ao observador, tornando-se, simbolicamente, menor do que ele, mórbida, vítima, o que não poderia ser diferente diante da denúncia apresentada pela reportagem.

Passemos à análise do segundo relato.

**Figura 2** - Relato de Silvana Maria Gomez em situação de violência.



DEZESSETE FACADAS NO ROSTO

"No dia 24 de setembro, cheguei em casa após sair para pagar umas contas. Meu ex-marido pulou o portão e quis saber onde eu estava. Não respondi, apenas pedi que saísse. Naquele momento, reparei em uma gaveta aberta no armário da cozinha e senti uma premonição ruim. Ele exigiu ver meu WhatsApp. Antes de ler algo, me deu um soco. Minha filha de 9 anos ligou para o 190. Meu ex-marido, com quem fiquei doze anos, quebrou o telefone e começou a me golpear com uma faca de cortar pão. Ao todo, foram dezessete facadas. Cortei meus dedos tentando tirá-la da mão dele. Gritei por socorro, mas meu ex-companheiro havia trancado o portão. Eu me fingi de morta quando ele tentou arrancar meu coração com a faca. Quando minha filha abriu o portão e a vizinha entrou, esse homem prendeu minha cabeça com a perna para ver se eu tinha morrido. Depois, chutou minha cara ensanguentada, achando que havia completado o serviço. Ele lavou as mãos de sangue na pia da cozinha antes de ir embora. Não sei como sobrevivi. Fiquei sem abrir o olho direito por muitas semanas. Tive fraturas na mandíbula e na face. Não conseguia abrir a boca para comer. Essa tentativa de feminicídio ocorreu quando eu havia obtido na Justiça a ordem para mantê-lo afastado de mim pelo menos 50 metros. Mas 50 metros é pouco: ele monitorava minha vida."

***Silvana Maria Gomes,*** *42 anos, comerciante*

CAIO GUATELLI

**Fonte**: Revista Veja. Edição nº 2674 fev. 2020. Disponível https://veja.abril.com.br/brasil/as-vitimas-do-feminicidio-um-crime-que-cresce-a-ritmo-preocupante/Acesso: 23 mar. 2021.

A seção da reportagem dedicada ao relato de Silvana enquadra-se no mesmo *Contexto de cultura* da seção analisada anteriormente, marcado pela dualidade entre a posição degradante da mulher vitimizada na e pela sociedade patriarcal e o combate à violência contra ela. No *Contexto de situação*, a história dela é exemplo da realidade de mulheres agredidas por (ex)companheiros (*Campo*), revelando um cenário de dominação pela força dos homens sobre elas (*Relações*), e cuja discussão, numa reportagem especial (*Modo*) de uma revista de repercussão nacional, enseja importante avanço social, especialmente se se pensar que, até recentemente, o feminicídio era conhecido na mídia e no código penal como "crime passional".

Ideacionalmente, na esteira de Halliday e Mathhiessen (2014), exemplificamos via *transitividade*, que constrói os significados na última oração desse relato, os processos e os participantes que sintetizam a história de Silvana Maria.

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Mas 50 m | é | pouco: | ele | monitorava | minha vida. |
| Participante: Portador | Proc. relacional atributivo intensivo | Participante: Atributo Circunstancial | Participante: Ator | Processo Material | Participante: Escopo-entidade |

A participante escolheu o *Processo relacional atributivo intensivo* (é) para caracterizar a situação por que passa, expressando insatisfação com a realidade enfrentada, relacionando, abstratamente, o *Portador* e o *Atributo circunstancial*. Logo, deseja expressar que a medida protetiva garantida pela justiça não foi suficiente para protegê-la, por ser pouco. Ao recorrer ao *Processo material* (*monitorava*), ela recria, pela linguagem, as ações do ex-companheiro. Ele (*Ator*) vigiava a vida dela, que não é afetada diretamente pelo processo e que é responsável por construir o cenário no qual o processo se desenvolve (*Escopo-entidade*). Portanto, ao ler o relato dela, o público-leitor compreende que, apesar de existir uma medida legal, que deveria mantê-la em segurança, esta não era eficiente nem capaz de impedir que o agressor a perseguisse.

Na materialização de eventos que formam as experiências, com maus tratos, pelas quais Silvana Maria passou com o ex-marido, na consideração das *circunstâncias* no *sistema de transitividade*, evidenciam-se, por meio de advérbios ou grupos adverbiais, diferentes *instrumentos*, *modos*, *lugares*, *causas* utilizado(a)s nos atos de tortura e de espancamento: “com uma faca de cortar pão”, “com a faca”, “com a perna”, “de morta”, “na pia da cozinha”, “no dia 24 de setembro”, “na mandíbula e na face”, “por socorro”, entre outros

Seguindo Kress e van Leeuwen (2006), partindo para a análise das imagens que acompanham o relato da vítima, nos *Significados representacionais*, as fotos estruturam-se, fundamentalmente, a partir de *Processos conceituais*. Nas imagens, a participante apresenta-se parada. Por conta disso, no *Processo analítico*, muito embora continue estática, a *Portadora*, Silvana Maria Gomes, também carrega no rosto marcas das agressões sofridas, consideradas como *Atributos possessivos*.

Na primeira imagem, próxima à época da agressão, ela carrega as lacerações de dezessete facadas no rosto, mantendo sobre o olho um esparadrapo, fato que reafirma a gravidade da situação. Já na segunda, com maior destaque na página, mesmo que algum tempo tenha decorrido desde o ataque, a *Participante portadora* apresenta cicatrizes, o que a leva a esconder levemente o rosto dela na fotografia, demonstrando constrangimento com a aparência, evidenciando uma postura corporal mais fechada, com braços e pernas cruzados contra o corpo.

Percebemos, também, *Processos conceituais simbólicos atributivos*, pois simbologias são construídas a partir das marcas de violência deixadas. As cicatrizes mostram-se como *Atributos simbólicos*, uma representação da impunidade, da falta de cumprimento da lei e da posição de desamparo da mulher diante da manutenção dos ciclos de violência.

Nos *Significados interativos*, o público-leitor são os participantes interativos, e Silvana é a participante representada. Na primeira imagem, não é possível identificar o olhar direcionado por ela ao leitor, pois ela se encontra em uma posição precária e delicada, logo após as agressões. Já na segunda imagem, Silvana direciona um *Olhar de demanda*, sem necessariamente focar na lente da câmera. O olhar dela é um pouco mais vago, interceptado pela mão, que possivelmente tenta esconder as cicatrizes que ainda restam no rosto dela. Com isso, ela busca empatia, compaixão do leitor, tentando sensibilizá-lo com história relatada.

Na categoria *Distância social*, o *Enquadramento* das imagens é diferente. Na primeira, o produtor utiliza o *Extremo Close-up* para se aproximar do público e chocá-lo com a gravidade dos ferimentos sofridos por Silvana. Na segunda, ele busca, pela *Longa*

*distância*, distanciá-la do público, com uma imagem em que aparecem o corpo inteiro e parte do cenário que a cerca, tornando-a menos acessível, distante, o que a linguagem corporal evidencia ser a vontade dela.

Os produtores das imagens recorrem ainda ao viés *Subjetivo* ao selecionar o *Ponto de vista* em cada uma delas, pois as fotos apresentam uma perspectiva preestabelecida, um recorte parcial feito pelo produtor que influenciará na compreensão final do observador. Por isso, quando o *Ângulo vertical* é selecionado na primeira imagem, a participante representada é diminuída na consideração do leitor, pois encontra-se em um ângulo mais baixo em relação a ele, reafirmando a situação de desamparo. Já a segunda imagem, que recorre a um *Ângulo frontal*, eleva a participante representada a uma posição de igualdade se se pensar no participante interativo, representando uma mudança na situação outrora degradante dela.

## 6. Considerações Finais

*Culturalmente*, a normalização dos ataques de fúria, com crueldade, contra mulheres, amparada por desigualdades de gêneros, enraizadas em relações de poder díspares entre homens e mulheres, foi responsável pela escalada contínua de violência doméstica que pode culminar no feminicídio. Por conta da herança sociocultural excludente, machista e patriarcal, a tipificação penal recente desse crime ainda não foi capaz de impedi-lo completamente.

*Situacionalmente*, os excertos dos relatos analisados revelaram que repensar como relações desiguais de poder se estruturam se transformou numa luta contra a marginalização da mulher. Se se considerar que a mídia jornalística se propõe a dar visibilidade a mazelas sociais, dando voz a relatos de mulheres, que, outrora silenciadas, suportariam esse tipo de dominação pela força sobre elas, demonstrou a construção em andamento de uma sociedade mais justa, buscando a conscientização das pessoas para desnaturalização dessa violência.

No tocante às *escolhas léxico-gramaticais* dos papéis no sistema de transitividade de que as mulheres agredidas pelos (ex)companheiros se valeram, à luz da *metafunção ideacional*, identificamos o modo como elas contribuíram para a interpretação das perversidades por que passaram, na representação e reconstrução do mundo em que vivem e do mundo da consciência.

Assim, nas orações selecionadas de trechos de relatos de duas mulheres vítimas de violência, observamos a escolha de *processos relacionais* e *material* advindos da necessidade de as mulheres em situação de violência caracterizarem processos ora internos sofridos, ora externos: (i) *processos relacionais*: na busca pela própria identidade, no resgate dela mesma, na tentativa de se ressignificar, pelas marcas humilhantes por que passou; na insatisfação diante da dura realidade enfrentada, na certeza de que medidas protetivas não dariam conta de frear a brutalidade do agressor; (ii) *processo material*: na tóxica ação audaciosa de vigilância, de monitoramento da vida dela.

Os significados *representacionais* das imagens analisadas revelaram-se pelos *processos conceituais* (*processos analíticos* e *simbólicos atributivos*), por meio dos quais se construíram as histórias de mulheres que resistiram, cada qual à sua própria maneira, a um sistema que as mata diariamente. Os hematomas e lacerações foram registros, provas de que as agressões foram reais, e as cicatrizes que elas carregam(ra)m constituem/constituíram parte de quem são, um símbolo do que elas enfrentaram e sobreviveram, apesar de também serem uma marca da impunidade e da ineficácia das leis no país.

No campo dos *significados interativos*, um padrão pôde ser observado. Nas imagens que acompanharam os relatos, as fotos tiradas, em um período próximo à violência sofrida pelas mulheres, recorreram a estratégias de *enquadramento* que subjugaram e evidenciaram a posição de vulnerabilidade a que essas participantes representadas foram submetidas. Já as fotos posteriores, firmaram uma relação de identificação entre participantes representados e interativos, que, *pelo olhar*, *pela posição corporal* e *pela expressão facial*, reforçaram a ideia de que todas as mulheres são e foram fortes e resilientes.

Portanto, o produtor recorreu a elementos verbo-visuais para transmitir, com toda a amplitude que o veículo do suporte midiático pudesse oferecer, um panorama da manutenção da violência contra a mulher por questões de gênero, sob o ponto de vista das vítimas. Para isso, ele selecionou trechos de relatos e imagens bastante impactantes, buscando chocar e tocar o leitor, estabelecendo uma proximidade entre leitores e vítimas por meio de histórias tristes e reais, adotando um posicionamento claro: a violência contra a mulher deve ser combatida.

Divulgar essa pauta não é compromisso específico tão somente da Revista Veja, mas sim de todos nós. Contudo, se se pensar na discussão dessa temática pela destacada revista, em uma reportagem especial, há a demonstração de que a sociedade está passando por mudanças e que as mídias continuam(rão) se empenhando para acompanhá-la.

## REFERÊNCIAS

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas - São Paulo: Mercado de Letras, 2014. 228 p.

HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. **An introduction funcional gramar**. London:
Edward Arnold, 2014.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: the grammar of visual design. London: Routledge, 2006.

NEVES, M. H. de M. **Uma visão geral da gramática funcional**. Alfa, São Paulo, v. 38, p. 109-127, 1994.

REVISTA VEJA. Edição nº 2674. Disponível em https://veja.abril.com.br/brasil/as-vitimas-do- feminicidio-um-crime-que-cresce-a-ritmo-preocupante/ Acesso: 23 mar. 2021.